BERNARDO SANTARENO

O CRIME DE ALDEIA VELHA

E-PRIMATUR

«MARCO DE CANAVEZES, 23 — Hoje, como ontem, o acontecimento do dia nesta região é o julgamento que se está realisando, em Tribunal colectivo, dos autores do hediondo crime da queimada-viva de Soalhães. Algumas testemunhas de acusação que ontem depuseram declararam que os réus não cometeram o crime porque quizessem mal à desgraçada vítima — a Arminda de Jesus — de quem, aliás, todos eles eram muito amigos! Espancaram-na e depois lançaram-na ao fogo para a livrarem do demónio, — nada mais, — e convencidos de que, após a queima, a pobre mulher podia ressuscitar!!! Assim lhes foi aconselhado pela doida Joaquina de Jesus, a quem os mesmos réus consideravam santa e isso mesmo viram ou entenderam ver descrito no livro de São Cipriano…»

(Notícia publicada em «O PRIMEIRO DE JANEIRO» de 24/5/1934.)

PERSONAGENS

JOANA	**25 anos**
PADRE JÚLIO	**25 »**
FLORINDA	**50 »**
ZEFA	**70 »**
RITA	**60 »**
CUSTÓDIA	**50 »**
TERESA	**25 »**
MARGARIDA	**20 »**
MARIA DA CRUZ	**55 »**
GLÒRINHAS	**7 »**
PADRE CLÁUDIO	**65 »**
ANTÓNIO	**26 »**
RUI	**28 »**

MULHERES – HOMENS – POVO

REGIÃO MONTANHOSA DO DOURO OU DA BEIRA

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

CENÁRIO: *A residência paroquial de Aldeia Velha. Uma sala espaçosa ao primeiro andar: ao fundo, uma varanda que dá para a praça principal do lugarejo; à direita, a porta que comunica com a escada da rua; à esquerda, uma porta interior.*

Sente-se (o som dos sinos, etc.) que a igreja fica logo ao lado.

Ao subir o pano, Florinda e Rita, ambas domingueiramente vestidas de preto, giram à volta duma mesa grande e central, posta com desabuso festivo: vigiam; compõem, enchem-na com mais doces que vão buscar a uma arca velha e enorme. Custódia e Margarida debruçadas na varanda. Zefa, sentada numa cadeirinha baixa, passa as contas do rosário.

Lá fora, ruídos do povo. Dois foguetes.

É Verão.

CENA I

CUSTÓDIA *(A olhar para fora.)* Ih, Jesus! que mar de povo!… Olha, olha ali, o ti'João Silvestre… Ti'João! Eh, ti'João!! *(Saúda, com exuberância de gestos.)*

MARGARIDA Muito tarda o tal carro, Santo Nome de Deus! *(Para dentro:)* Ah, ti'Florinda, ainda falta muito?…

FLORINDA Isso sim, Margarida: está aí a rebentar… *(Pausa. Suspendendo o trabalho:)* Credo! queira Deus que não tenha havido algum desastre…?

RITA *(Vendo as horas, num velho relógio de parede.)* Ó mulher, não sejas assim: não futures sempre mal… Está certo este relógio?

FLORINDA *(Ternura.)* Ai, Rita, o meu Júlio!… *(choraminga.)*

RITA *(Sempre a olhar para o relógio.)* Pois se está certo… Bom, a camioneta da carreira deve ter chegado a Rio Claro,

aí pelas… Ora, há coisa de meia hora, nem tanto!: Estão a ver que, lá de baixo até cá a riba, mesmo com carro de parelha, a corrida inda é bem suadinha… *(Mudança rápida:)* Ah, ti'Zefa, não durma!

ZEFA *(Sonolenta.)* Estou a rezar…

FLORINDA *(Embevecida; comoção.)* O meu Júlio, ti'Zefa, o meu rapaz!… Ai, que se o meu homem ainda fosse vivo…

CUSTÓDIA *(Para fora.)* Adeus, Cremilda! Viva, ti'Sardo!…

ZEFA Não há maior senhoria, neste mundo: o teu filho, Florinda, tem o lugar mais alto que um homem pode ter: Padre, ministro de Deus! O mais alto, fica sabendo: mais que fidalgo, mais que doutor!…

FLORINDA *(Choro.)* Ai, ti'Zefa, tanta… tanta fominha que eu passei p'r'o criar!…

MARGARIDA *(Apontando para a rua.)* Ah, minha mãe, está a ver?… *(puxa violentamente o braço de Custódia.)*

CUSTÓDIA *(Desequilibrando-se.)* Eh, rapariga, andas variada dessa cabeça?! Por um triz, não me alagas… Ver o quê?!

MARGARIDA Olhe, olhe ali: o senhor Rui!… *(Para dentro, com malícia:)* Onde é que pára a Joana?…

RITA *(Seca.)* Aproveita-o pra ti, Margarida! Já não te sobra o tempo…

MARGARIDA Não é a mim que ele quer, ti'Rita: *(troça:)* Levantou os olhos pra boniteza de mais preço!… *(riso. Volta a debruçar-se, fazendo gestos para fora.)*

RITA *(Resmungona; sempre cuidando da mesa.)* O que a ti te faz falar é… Língua de coruja!

ZEFA *(Para Florinda.)* Quem havia de pensar… Isto, o destino de cada um, a Deus pertence: é bem certo! Que ele, o teu Júlio, já em pequeno… assim, desta altura — parece que foi ontem, Florinda! — já então, rapazinho, era diferente dos outros: mais sério, mais atulhadinho de juízo… ai, rico menino!

FLORINDA *(Que se senta, a limpar as lágrimas, o lenço da cabeça caído nos ombros.)* Coisinha melhor, ti'Zefa!: Olhe que eu não tenho deste filho a mais pequena queixa, nem assim… *(mostra a ponta da unha.)* Mas Deus escreve direito por linhas tortas… olá se escreve!: O meu Augusto, que o Senhor guarde em descanso, morreu quando o menino tinha só quatro anos… Vossemecê lembra-se, ti'Zefa? Esmigalhadinho debaixo do carro de bois, mesmo ali à beira do moinho!… Ai, o que eu tenho esgaravatado, pra criar o meu Júlio!: Só Deus sabe. Quantas vezes — tomara moedas de dez tostões! — eu tirei da minha boca pra… Mas, pronto! não quero lembrar-me mais desses tempos: o que é certo, é que o meu rapaz fez

a escola, tirou a quarta classe. Era uma coisa assim… era um palpite, ti'Zefa: eu sentia, cá por dentro, que o destino do meu filho o puxava p'r'os estudos!… Bem falta me fazia o ganhozinho dele, mas…
(Ouve-se uma banda de música. Foguetes.)

MARGARIDA É o carro… é ele!

CUSTÓDIA *(A chamar.)* Florinda! Anda cá ver, Florinda!…
(Correm todas para a janela, excepto Zefa: ansiosas, debruçadas, aos gritos.)

CENA II

Entra Joana, pela porta interior, trazendo um tabuleiro de bolos: silenciosa, serena; donaire natural. Deposita os doces sobre a arca e, lentamente, aproxima-se da janela: em bicos dos pés, procura ver para fora. Depois, sempre calada, sai pela mesma porta. Zefa passa as contas.

CENA III

RITA *(Que vem para dentro.)* Ainda não é desta… *(volta à tarefa anterior. Parou a música.)*

ZEFA Não era o Júlio?

FLORINDA Não, senhora: foi o carro do ti'Ambrósio, que passou. Credo, Virgem Santíssima! uma demora destas… Ai, que se calhar aconteceu coisa ruim!…

CUSTÓDIA Deixa-te disso, mulher: não tarda, aí! *(Grande riso comovido:)* Ah, Florinda! ah, Florindazinha! amiga da minha alma, dá-me cá um abraço! *(abraçam-se.)* Grande dia, grande dia este! *(Lágrimas:)* Então não querem ver? Estou mortinha por mirar o diabo do rapaz… *(emendando:)* salvo seja, que o teu Júlio agora é um senhor padre, e peca quem o tratar assim… *(estreitando mais o abraço:)* Isto é uma honra p'r'Aldeia Velha! uma grande honra!!

FLORINDA *(Sempre lacrimejante.)* Ainda agora estava a contar, aqui à ti'Zefa, o que eu passei pra… Jesus! Jesus Senhor!!

CUSTÓDIA Pois Deus pagou-te bem os sacrifícios, mulher: abençoada semente que tal seara deu!

RITA Há mais de vinte anos, que não vive abade em Aldeia Velha…

ZEFA Pois que venha em boa hora: bem preciso cá é! Esta gentinha nova… ai, esta mocidade de hoje!: são piores que bichos…

RITA Credo, ti'Zefa! até corta o coração ver estas raparigas: desmazeladas, calonas, sem raça de vergonha… Ih, Santo Deus, onde é que a gente vamos parar?! Vocês viram? repararam na Guilhermina? *(Aponta, para a rua:)* Ali em baixo, à frente de todos, aos beijos ao namorado… Coisa assim!: nem que fossem casados e recebidos… Muito pulso terá que ter o teu Júlio, Florinda, pra pôr freio a isto tudo!

CUSTÓDIA E olha que os homens…

RITA Ora, ora! os homens são outra coisa: são machos… Toda a vida assim foi: acham a terra macia e pronto! botam logo a semente… Sempre assim foi. Mas elas! elas é que…

CUSTÓDIA Bem te entendo, coração!: falas desse jeito, porque só tens filhos…

RITA *(Benzendo-se*; *exagerada.)* E ainda bem, Custódia, ainda bem! *(Com os olhos em alvo:)* Graças te dou em cada momento, meu Senhor Jesus! Mulheres, raparigas… hoje? Cabecinhas de rola tonta, gado sujo…

CUSTÓDIA *(Picada.)* Isso agora?! Tem tento nessa linguinha: olha que há o trigo e há o joio, anh!?...